

LE COLONEL EST ENCORE LÀ !

(Este artigo foi publicado no jornal O POVO em 02/12/2014)

Tenho um amigo piadista que sempre fala bem da França. Ele só faz uma ressalva: “no dia em que eles descobrirem o Leite de Rosas...”, e desembesta a rir. Certa feita, peguei-o lendo o Pasquim na pracinha da universidade de Paris: “prometi pra mamãe que um dia estudaria na Sorbonne”.

À parte o cearense que perde o país mas não perde a piada, este amigo conta dos colegas franceses que quebravam o pau disputado ideias, fumavam numa quenga com opiniões diversas, mas, ao final, as diferenças ficavam reservadas às ideias e opiniões, não às pessoas.

“Espèce de rien” (Arre-égua em francês), diz o meu amigo se reportando a falta desta prática pelas bandas de cá. Crítica construtiva, mesmo parcimoniosa, está fora do Aurélio de bolso, mesmo nos “rendez-vous” intelectuais. Agnóstico na política e religião (futebol é tolerável) não é permitido na vila desposada do sol.

Pra lascar de vez a boca do balão, é de enrubescer uma cidade campeã de concentração de renda, com seus carros importados saindo pelo ladrão (ops!); motoristas que não respeitam faixas de ônibus, lugar do deficiente, passagem de pedestres; passageiros que jogam lixo pela janela.

Nosso provincianismo vai além; se confunde com nosso individualismo. São poucos os que devolvem à sociedade o que dela receberam, seja em trabalhos voluntários ou doações. Nossos ricos nunca doaram nada à universidade. Viajam aos EUA e não aprendem: este ano um ex-aluno doou US\$ 350 milhões à Harvard. Será que nossos bolsistas (CNPq, CAPES, PROUNI, etc.) retornarão um dia à sociedade o benefício público recebido? Certo que não.

“É natal e tamo nem aí, nenão?”. E enquanto damos milho aos pombos, mais uma vez no réveillon toneladas de comida serão “reboladas no mato na vila dos ricos”. São duas nações no mesmo país!

“Interesse, tudo é interesse”! Poderia estar no Eclesiastes, se houvesse uma versão tupiniquim. Nossa educação ainda é “cada um por si”, nossa cultura ainda é “levar vantagem em tudo”, nossa política ainda é “aos amigos tudo, aos inimigos a lei”. Um filme do tempo dos coronéis.

Sáímos dos coronéis, mas parece que o coronelismo (ainda) não saiu da gente.

Mauro Oliveira

mauro@ifce.edu.br

Membro da Academia Aracatiense de Letras